

## A PISTA FANTASMA DO CORONEL FAWCETT

PAUL DONOVAN KIGAR

*Este artigo, publicado pela primeira vez na revista Américas, em três idiomas, no Vol. 27, N° 4, em abril de 1975 e seu autor, Paul Donovan Kigar, podem ter servido como inspiração para o personagem Indiana Jones.*

“No primeiro quartel do século XX, antes do uso generalizado da aviação comercial e militar, as florestas longínquas da bacia amazônica ainda eram quase totalmente desconhecidas do homem civilizado. Embora grande parte do Brasil já tivesse sido explorada e, até certo ponto, povoada, no Amazonas e no norte de Mato Grosso a natureza verde ainda dormia em seu esplendor primitivo.

“Na ausência de conhecimento científico, o mistério envolvia a região, a lenda pairava em cada curva do rio veloz, acima de uma ou outra serra que quebrava a monotonia do Inferno Verde, ou das colinas cobertas de mata. Corriam tendas verdadeiramente estranhas – antigas torres de pedra onde havia luzes que nunca se apagavam; bárbaros índios brancos de olhos azuis e cabelos louros, chamados Morcegos, que durante o dia viviam como símios, em cavernas, porque a claridade do sol os cegava e, capazes de enxergar à noite, faziam incursões noturnas, atacando tribos vizinhas enquanto elas dormiam. Nem era menos estranha a lenda de uma fabulosa Cidade Perdida, construída em estilo greco-romano, semi-sepultada no sedimento acumulado durante séculos ou milênios, que no entanto ainda se via cintilante como prata sob o sol intenso do Brasil.

“Uma terra assim tinha de atrair exploradores. Por isso foi que em 1920, e novamente em 1925, o tenente-coronel reformado da artilharia britânica, Percy Harrison Fawcett, saiu em busca das torres de pedra, dos Morcegos e da Cidade Perdida.

“Titular da medalha de serviços distintos por sua atuação na frente ocidental da primeira Guerra Mundial e membro da Real Sociedade Geográfica de Londres, Fawcett havia servido em Malta, norte da África, Hong Kong e Ceilão. Topógrafo e explorador competente, nutria profundo interesse pela arqueologia e pelo misticismo. Esteve pela primeira vez na América do Sul em 1906, quando cartografava a fronteira brasileiro-boliviana. Seguiram-se mais sete viagens na região como topógrafo e explorador.

“De passagem pelo Rio de Janeiro ele leu, na Biblioteca Nacional, pela primeira vez, a respeito da Cidade Perdida. Está descrita num documento curioso, catalogado sob o número 512, visto pelo autor deste artigo e atualmente guardado na seção de livros raros. De páginas amareladas, gastas pelo tempo e parcialmente roídas pelas traças, teria sido escrito, ao que se afirma, pelos membros de uma bandeira em 1753. A bandeira teria topado com a misteriosa cidade por acaso, quando buscava as lendárias minas de prata do Muribeca. O arco central da cidade, feito de grandes blocos de pedra, com inscrições em caracteres estranhos, dava entrada a ruas largas, de colunas derruídas, uma praça, majestosas escadarias e estátuas, uma das quais de um jovem com uma coroa de louros na cabeça, à semelhança das esculturas da Grécia e de Roma antigas.

“Havia as ruínas de um esplêndido palácio ou templo, que ainda ostentava vestígios de colorido na ornamentação artística. Agora os morcegos ali se aninhavam, fantasmagoricamente, e havia estranhos ratos saltadores, de pernas curtas. O outro lado da praça dava para um rio que, procedendo do noroeste, ia desaparecer em florestas distantes, das quais emergia em imponente cachoeira. Totalmente ermas, parcialmente devastadas por um terremoto, com suas portas altas, muralhas e templos, juncadas de fabulosos fragmentos de outras eras, as ruínas silenciosas da cidade falavam com eloquência de uma grandeza passada e de uma cultura desaparecida, etérea na luminosidade intensa do sol matutino.

“No fim, o documento N. 512 reproduz parte das inscrições encontradas na cidade. Segundo um dos seus biógrafos, Fawcett ficou pasmado de ver que eram idênticas a umas inscrições não decifradas que encontrara em Ceilão muitos anos antes! Sentiu-se, portanto, impelido a procurar a legendária cidade, custasse o que custasse.

“A ocasião era propícia, pois for a apenas em 1911 que Hiram Bingham descobrira Machu Picchu. Apenas alguns decênios antes Edward Thompson descobrira o Poço Sagrado do Yucatán. Esses descobrimentos deram novo alento à tese de que as culturas pré-colombianas eram meros remanescentes de uma civilização ainda maior, a da Atlântida, o continente perdido. Além disso, os geólogos acreditavam então que o planalto central brasileiro fosse o continente mais antigo do mundo, sendo já terra quando o resto do planeta ainda se encontrava coberto pelos oceanos.

“Tudo isso levava Fawcett a anotar em seu diário: ‘O vínculo entre a Atlântida e algumas partes daquilo que hoje é o Brasil não deve ser

menosprezado; sua aceitação – com ou sem corroboração científica – permite explicar muitos problemas que de outra forma seriam mistérios insolúveis’. Seu sonho dourado era o de todo arqueólogo do século XIX: descobrir não apenas uma cidade perdida, mas uma civilização inteira. Alhures ele havia escrito acerca da tradição chilena da Cidade dos Césares. Em torno desse lugar dizia-se haver um poder mágico que o tornava visível apenas a uns poucos eleitos e iniciados, porém invisível a quaisquer aventureiros indesejáveis. Escrevera ainda que muitos haviam partido à procura daquela cidade, sem que deles nunca mais se tivesse notícia; mas estava convencido de que ela e outras semelhantes realmente existiam.

“Em 1920, penetrando no interior pelo litoral baiano, o Coronel Fawcett havia saído em busca das ruínas misteriosas. Durante essa expedição avançara até o norte de Mato Grosso, onde, segundo suas coordenadas geográficas (hoje alguns creem que foram propositadamente falsificadas por ele para que ninguém o seguisse), seu cavalo morreu 11° 43’ de latitude sul e 54° 35’ de longitude oeste. Chamou o local de Acampamento do Cavalo Morto. Embora a expedição de 1920 tenha fracassado, na sua trajetória o explorador britânico ouviu mais histórias de antigas cidades abandonadas que dormiam perdidas em alguma parte do interior. Isso aguçou mais ainda o seu empenho em encontrar uma.

“No fim de 1924, depois de irritantes delongas enquanto tentava levantar recursos financeiros, Fawcett organizou, com o patrocínio de diversas organizações científicas e da North American Newspaper Alliance, sua valorosa e trágica expedição, que seria sua última. Embora estivesse com 58 anos, tinha uma confiança juvenil que no fim atingiria o objetivo. Mas gostava de viajar desembaraçadamente, de modo que a expedição consistia apenas dela próprio, de seu filho mais velho, Jack e do amigo deste, Raleigh Rimell, ambos com menos de 25 anos. Chegaram a Cuiabá, capital de Mato Grosso, a 4 de março de 1925.

“Ali Fawcett confiou a um amigo, Eufrásio Cunha, que tinha um mapa cuja rota secreta o conduziria a uma cidade ciclópica da perdida Atlântida.

“Partindo de Cuiabá a 20 de abril, sua expedição espartana, com carregadores, dois cavalos extra, dois cachorros e oito mulas, encetou a jornada na direção noroeste. Segundo algumas notícias, os Morcegos habitavam essa região, próximo à nascente do rio Arinos, a leste da cidadezinha de Diamantino. Se ali viviam realmente, não molestaram a Fawcett ou, caso o tenham feito, ele não os mencionou em seus últimos

despachos. A próxima notícia sobre a expedição é de que havia chegado, em 15 de maio, a um pequeno posto avançado do exército brasileiro, situado aproximadamente a 14° 10' de latitude sul e 54° 15' de longitude oeste, chamado posto Bacairy (grafado de diversas maneiras). Esta carta escrita em Bacairy, Fawcett revela que estava preocupado, sem saber se Rimell seria capaz de continuar a viagem, visto que estava com o pé muitíssimo inchado por causa de picadas de carrapatos e outros insetos. Fawcett havia sido temperado pelas agruras da selva amazônica, porém seus inexperientes companheiros estavam padecendo.

“Mesmo assim, partiram de Bacairy a 20 de maio, rumando para o norte.

“Chegou então, há 50 anos, sua última notícia autêntica, datada de 29 de maio de 1925, do Acampamento do Cavalo Morto. A carta de Fawcett, trazida a Cuiabá pelos carregadores que voltavam, insinuava que estes o haviam abandonado, porém posteriormente se teve a impressão, baseada no testemunho oral dos próprios carregadores, de que o explorador lhes tinha dado ordem de regressar, visto que não queria que ninguém o acompanhasse ao penetrar em ‘território absolutamente inexplorado’, pois tinha a esperança de estar próximo de sua meta. Nessa última carta queixava-se das asperezas da jornada, especialmente dos insetos; manifestava crescente preocupação pela perna enfaixada de Rimell e dizia que esperava encontrar índios e a grande catarata dentro de dez dias.

“O resto é silencioso.

“Desde então, nunca mais houve qualquer comunicação autêntica de Fawcett, nem qualquer notícia fidedigna de que tinha sido visto, vivo ou morto. Seu desaparecimento há meio século continua sendo até hoje o mais impenetrável mistério do século XX, no campo das explorações.

“Ele havia dito a Brian, seu filho mais moço, e ao cônsul alemão em Cuiabá, que provavelmente só voltaria em 1927. Assim, embora 40 milhões de leitores de jornais no mundo inteiro viessem acompanhando sua reportagem, bruscamente interrompida, ninguém se preocupou demais com o fato de que o resto de 1925 e até mesmo 1926 se passassem sem dele se ter mais notícia alguma.

“Mas, no começo de 1927 seus amigos e familiares começaram a ficar seriamente preocupados. Estaria morto? Teria encontrado aquela antiga civilização, na qual tão firmemente acreditava, lá ficando? Teria caído prisioneiro dos índios? Ou, tendo fracassado completamente e envergonhado de admiti-lo, teria voltado incógnito à civilização e estaria

vivendo na obscuridade nalguma fazenda ou nalguma casa a cavaleiro da baía da Guanabara?

“O relato de um francês, que a princípio se dizia chamar Roger Courteville, reativou o interesse público em 1927. Segundo ele, ao atravessar a América do Sul de leste a oeste, topara em Minas Gerais com um velho doente, alquebrado e com as faculdades mentais abaladas, que lhe teria dito chamar-se Fawcett. Alegava Courteville jamais ter ouvido a saga do explorador antes de chegar a Lima. Mais tarde, porém, Courteville grafou seu próprio nome de tantos modos diferentes e contou tantas versões diferentes de sua estória que acabou ficando desacreditado.

“No entanto, embora fosse improvável que Fawcett ainda estivesse vivo, uma expedição de socorro foi organizada e patrocinada pela North American Alliance em fins de 1927. Era chefiada por um explorador norte-americano, o capitão-de-fragata George Miller Dyott. Em contraste com os três homens de Fawcett, a expedição de Dyott parecia um *safari* à moda de Cecil B. DeMille, pois constava de nada menos que 26 indivíduos e três toneladas de provisões e equipamento. Partiu de Cuiabá em maio de 1928, rumo ao norte.

“Dyott logo chegou à conclusão de que o Acampamento do Cavalo Morto não podia estar situado nas coordenadas citadas por Fawcett porém mais ao sul, perto do Rio Batovi e relativamente próximo ao posto Bacairy. Teria sido fisicamente impossível mesmo a indivíduos em excelente forma física percorrer por terra, em apenas nove dias, a distância entre Bacairy e a localização do Acampamento do Cavalo Morto, dada por Fawcett e, com a perna doente de Rimell, a viagem deveria ter levado muito mais tempo.

“Por sorte, tendo encontrado um índio bacairy chamado Bernardino, que havia sido um dos últimos guias de Fawcett, e conversando com outros indígenas por gestos, a comitiva de Dyott chegou finalmente a uma aldeia de índios Kalapalo, às margens do rio Culuene (também escrito Coluene e Kuluene). Os índios disseram que Fawcett e seus homens ali haviam estado três anos antes, prosseguindo depois para leste do Culuene.

“Durante quatro dias haviam visto o fogo de seus acampamentos. Depois disso, nunca mais houvera sinal deles.

“A caminho daquele acampamento, Dyott encontrara um indiozinho usando como colar uma plaquinha de latão gravada com o nome do

fabricante dos baús de Fawcett, W.S. Silver and Co. Encontrou também pequeno baú de metal que, segundo se persuadiu, pertencera a Fawcett.

“Próximo ao Culuene havia algumas árvores marcadas com um ípsilon, o que, em sua opinião, teria servido para indicar a altura dos membros da comitiva.

“Confiante então de que estava no rumo certo e prestes a encontrar Fawcett, Dyott planejava caminhar cinco dias para leste de Culuene. Havia, porém, esgotado os presentes para os índios, o que os enfureceu. Suas provisões estavam acabando. Foi então que, rodeado de um número cada vez maior de índios aparentemente hostis, resolveu desistir da busca. Passada a meia-noite, enquanto dormiam os índios que o cercavam, a expedição escapuliu sorrateiramente em canoas, descendo o Culuene na direção do Xingu. A 22 de outubro de 1928 atingiram Belém, na foz do Amazonas. Nesse interim, Dyott já havia enviado telegramas à imprensa, comunicando sua conclusão de que os membros da expedição de Fawcett haviam sido massacrados por índios hostis em julho de 1925, a uns cinco dias de distância do Culuene. A localização geral do ponto em que desaparecera Fawcett pareceu ficar assim esclarecida, excepto com relação à fase final.

“Sua família, porém, recusou-se a aceitar a conclusão de Dyott, alegando que o baú e a placa de metal por ele encontrados haviam sido abandonados pela expedição de 1920 e não significavam necessariamente que Fawcett ali houvesse estado em 1925.

“Nos anos 30 multiplicaram-se as lendas em torno de Fawcett. Era ‘visto’ ora aqui, ora ali, segundo os boatos. Proliferavam as estórias a seu respeito, criando todo um folclore. Não passavam, porém de lorotas sem o menor fundamento. Quase todo aventureiro que avançasse umas poucas léguas ao norte de Cuiabá voltava afirmando ter visto Fawcett, morto ou vivo. Nada menos que 50 depoimentos diferentes foram registrados em cartório, todos eles dando informação sobre o paradeiro do inglês. Muitos deles eram contraditórios. Um garimpeiro vira três esqueletos de pé numa gruta e estava convencido de que se tratava dos desaparecidos. Um caçador afirmava que havia topado com o explorador vivo e tentara persuadi-lo a voltar para a civilização, mas ele se recusava a admitir publicamente o fracasso. Um sujeito o ‘viu’ no rio Tocantins, casado com quatro índias e adorado como um deus. Ainda outro protestava que vira o seu corpo ressecado, pendurado dos caibros de uma choça indígena.

“Em 1930, um jornalista norte-americano, Albert de Winton, meteu-se a procurar Fawcett, mas desapareceu para sempre no sertão de Mato Grosso. Um caçador suíço chamado Stefan Rattin asseverou ter conversado com Fawcett, prisioneiro de índios, a 18 de outubro de 1931. Em 1932, com dois companheiros, Rattin regressou para salvá-lo, porém os três também desapareceram sem deixar vestígio, tendo sido vistos pela última vez numa canoa no rio Arinos.

“Em 1937, a missionária Marta L. Moennich voltou contando histórias a respeito de um índio mestiço de ‘branco’, chamado Dulipé. Acreditava-se firmemente que Dulipé, encontrado em 1926 numa aldeia indígena pelo evangelista Rev. Emílio Halverson, fosse filho de Jack Fawcett e de uma índia Kurikuro. Marta Moennich vira Dulipé em 1926 e tornara a encontrá-lo em 1937. A família Fawcett sempre se recusou a aceitar esta versão. Achavam que Dulipé não passava de um albino, e que, mesmo que seu pai fosse branco, seguramente não seria Jack Fawcett.

“Em 1943, a cadeia jornalística brasileira dos ‘Diários Associados’ organizou uma expedição de pesquisa, chefiada pelo reporter Edmar Morel.

“A conclusão a que chegou foi de que os ingleses haviam sido mortos pelos índios Kalapalo.

“Em abril de 1951, o sertanista e indianista brasileiro, Orlando Villas Boas, numa longa conversa com os Kalapalos, obteve uma ‘confissão’ do seu cacique, Izari, que teria morto Fawcett e seus dois companheiros a golpes de borduna, havendo porém enterrado o explorador junto a uma lagoa perto do Culuene. Conduziu Villas-Boas a uma sepultura rasa onde foram realmente encontrados restos humanos. Divulgou-se, então, através da imprensa mundial, que finalmente haviam sido encontrados os ossos de Fawcett, ficando assim resolvido o enigma.

“Porém, os ossos foram levados à Inglaterra para ser comparados com o registro das medidas dos três, e com as dentaduras extra que Fawcett havia deixado. Os dentes não encaixaram na caveira, nem as medidas dos ossos correspondiam. Peritos do Real Instituto Antropológico de Londres e do Museu Nacional do Rio foram unânimes em negar que os restos fossem os de qualquer pessoa do grupo de Fawcett. Assim, persistiu o mistério.

“Em janeiro de 1952 houve o que se poderia chamar de a última das expedições formais de investigação, das muitas que receberam

publicidade. Patrocinada por dois jornais brasileiros e chefiada pelo jornalista Antônio Callado, era acompanhada por Orlando Villas-Boas e Brian Fawcett.

“Entrevistaram inúmeros indígenas e visitaram o local da suposta sepultura, que Brian estava convicto não ser de seu pai.

“Que dizer então das lendas? Por mais de três decênios, pilotos que fazem vôos noturnos no norte do Brasil talvez tenham dado uma notícia ou outra de discos voadores, mas nunca de estranhas luzes a brilhar perenemente lá em baixo, emanando talvez das famigeradas torres de pedra, nem tampouco jamais sertanista algum topou com elas.

“Finalmente, em outubro de 1973, uma tribo de índios brancos, ruivos e de olhos azuis, foi descoberta perto de Altamira, nas margens do igarapé Ipixuna, no Pará. Mas não são os famosos Morcegos. Não moram em grutas, têm visão diurna normal e não fazem incursões noturnas. Ninguém de confiança jamais viu nem fotografou os Morcegos da fábula. Hoje, os mais eminentes peritos em assuntos indígenas brasileiros estão convencidos de que os tais Morcegos são um simples mito criado pelas demais tribos.

“E a Cidade Perdida? No século XIX várias expedições brasileiras não conseguiram encontrá-la. Já em 1869 se achava que o documento N. 512 fosse pura ficção, obra de algum aventureiro de imaginação fértil. Fala de terremotos, mas a história quase nunca se registrou no Brasil. Fala de um rio que vem do noroeste, porém todos rios da região correm para o norte.

“Alguns afirmam que a história de 1753 seria uma versão romantizada de um lugar muito mais primitivo que um certo Teodoro Sampaio descobrira perto da Serra do Sincorá, na Bahia, em 1879. Depois de ter passado a noite numa caverna, Sampaio, ao acordar na manhã seguinte, deparou com desenhos artísticos e estranhas inscrições nas paredes; havia grandes ratos e morcegos, como na descrição do documento; mas não havia cidade alguma. No planalto central da Bahia, ao norte de Barreiras, há muitas formações rochosas curiosas. Com um pouco de imaginação, poderiam ser tomadas por ruínas antigas. Mais ao norte, perto de Piracuruca, no Piauí, ficam as ‘Sete Cidades de Pedra’ que alguns afirmam ser meras formações rochosas, outros uma cidade fenícia, outros ainda uma combinação das duas coisas. Não teriam sido esses lugares a base da lenda da Cidade Perdida, se é que o documento N. 512 não é inteiramente fictício? Durante a expedição de 1952 Brian fretou um avião às escondidas e sobrevoou a região onde seu pai julgava que



ficasse a cidade. Dela não viu vestígio algum, nem tampouco o enxergaram de lá para cá os pilotos comerciais e militares que sobrevoaram a região. Uma pesquisa cuidadosa leva à conclusão de que a Cidade Misteriosa é pura lenda.

“Que fim terá levado Fawcett? É provável que tenha sido morto pelos índios Suya, Nafuqua ou Kalapalo, nalgum ponto próximo ao Culuene.

“Essa é essencialmente a conclusão de várias expedições e parece ser a mais lógica. Contudo, não há provas concludentes.

“Outra teoria é de que o grupo talvez simplesmente morreu de fome, sede e cansaço, por causa de seu precário estado físico, referido pelos Kalapalos a algumas pessoas que saíram à procura de Fawcett. Contaram que tanto Jack como Raleigh tinham as pernas infeccionadas e estavam muito fracos. Queriam repousar na aldeia por período indefinido, porém o explorador teimosamente insistia em continuar no rumo leste. Em tais condições, cinco dias talvez fossem o máximo que poderiam suportar.

“Depois de trocar idéias com diversos eminentes geógrafos brasileiros, eu ousaria sugerir outra hipótese. Os rios de Mato Grosso são traiçoeiros, como o sabem todos os que os conhecem.

“Até mesmo nos pontos rasos existem muitos buracos. A correnteza tem força tremenda. As corredeiras molham as canoas, revirando com facilidade até mesmo as mais sólidas. O maior explorador do Mato Grosso, o Marechal Candido Rondon, insistia que aqueles rios eram um dos maiores perigos da região. Muitos sertanistas já pareceram em suas águas claras, sem deixar sinal. A expedição Dyott perdeu muitas provisões nas corredeiras.

“No próprio Culuene, por exemplo, há muitas corredeiras perigosas, além das oito assinaladas nos mapas de 1974, particularmente no local onde passa por um ramo da Serra Azul.

“Alguns geógrafos acreditam que 50 anos atrás os índios que habitavam junto aos rios da região eram na sua maior parte mansos, e viam no homem branco uma possível fonte da ajuda e não de problemas. Fawcett e seus companheiros teriam parecido nas correntezas e corredeiras velozes de algum rio de Matto Grosso.

“Apesar de tudo, é bom sonhar.

“Quem sabe se Fawcett, o iniciado, um Sir Gallahad moderno em busca de sua própria versão do santo Gral, não encontrou mesmo a sua Cidade, dos Césares para todos os não iniciados? Quem sabe se com a vetusta idade de 108 anos, ainda vive ali, como um sumo sacerdote ou Lama Supremo, à semelhança do Padre Perrault na Shangri-lá do romance Horizonte Perdido?

“Quem sabe, se neste ou no outro mundo, não encontrou a luz que nunca se apaga? Para nós, porém, ele deixou Mato Grosso e a história para viver na lenda.”